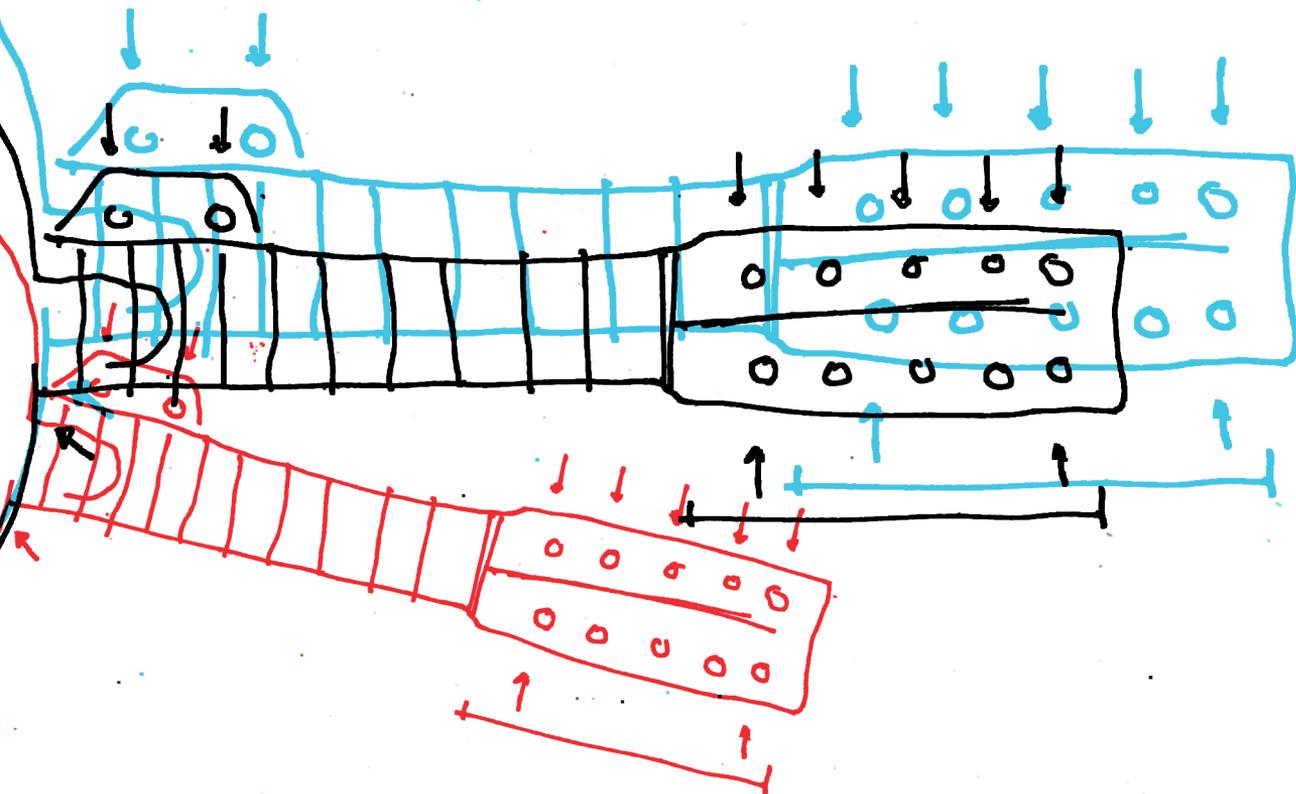


A VIOLA BEIROA

CADERNO DE ESPECIFICAÇÕES TÉCNICAS





Produção e Edição:

Câmara Municipal de Castelo Branco
Associação Recreativa e Cultural Viola Beiroa

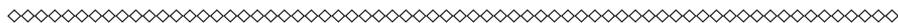
Design gráfico:

Helder Milhano

Janeiro de 2016



INTRODUÇÃO



O Caderno de Especificações da viola beiroa é um documento onde se estabelecem as regras e os princípios gerais que consideramos adequados, em termos de recuperação e preservação, no processo de construção deste instrumento de raiz popular e praticamente desaparecido até há poucos anos.

Perdida no tempo, e por se tornar dispensável perante a massificação de outros instrumentos no acompanhamento musical das danças tradicionais e outros rituais de raiz popular que se foram “ajustando e acomodando” aos tempos modernos e mais mediáticos, importa assegurar, no seu processo de recuperação e preservação, os princípios e circunstâncias históricas (Materiais, técnicas, forma) que estão na sua origem, evitando a descaracterização e perda de identidade da viola beiroa, tão genuína e característica desta região da Beira Baixa.

Embora não devendo ser, nunca, um documento fechado e definitivo um Caderno de Especificações deve ser objeto de revisão sempre que as fontes históricas tragam à luz novos dados ou mesmo quando o conhecimento de novos materiais o aconselhem, por questões de qualidade sonora, estética, ou outra.

Na elaboração deste Caderno de Especificações tomaram-se como referência para a caracterização da viola beiroa os exemplares ainda existentes, fontes orais e documentais, construtores de violas de arame, etc...

São objetivos deste Caderno de Especificações preservar modos de fazer e os procedimentos inerentes a esses modos de fazer. Pretende-se, por um lado, reconduzir a viola beiroa à sua matriz originária, repor a harmonia inicial existente na configuração da forma e, por outro lado, promover a qualificação de profissionais na área da produção e proteger os consumidores quanto à genuinidade da viola beiroa.

Professor Fernando Raposo
Professor Miguel Carvalhinho

CARACTERIZAÇÃO E ENQUADRAMENTO HISTÓRICO DA VIOLA BEIROA



Este Cordofone pertence à família das Violas de Arame tradicionais portuguesas. Também é chamada de Bandurra ou Viola de Castelo Branco sendo originária da região da Beira Baixa. Esta viola é, provavelmente, o parente popular do instrumento de corte chamado Vihuela, muito tocado na Península Ibérica nos séculos XVII e XVIII.

Tem cinco ordens de duas cordas de aço que podem ser pisadas ao longo da escala. Uma das diferenças em relação às suas congéneres do Norte, Sul e Ilhas de Portugal são duas cordas muito agudas, as requintas, que não podem ser pisadas sendo tocadas só com a mão direita. Este instrumento foi desaparecendo da cena musical campestre, sendo substituído por outros, nomeadamente a guitarra clássica e o acordeão.

Na renascença havia a Vihuela que era uma viola nobre, um instrumento de corte, e havia a Guitarra, um instrumento popular, de ornamentação e construção mais singelas, bem como de mais simples execução. Embora tendo a mesma forma, em oito, a Guitarra em Portugal, tinha menos cordas do que a parente espanhola.

A Vihuela teve a sua época “dourada” durante o século XVI, sendo um instrumento das cortes ibéricas. Por ser fácil de transportar e ser tocada nas festas de salão, foi um período em que se realizou muita música para este instrumento. Nomeadamente, um livro de composições para Vihuela do compositor Luís Milan, dedicado ao Rei D. João III de Portugal. Pelo contrário a Guitarra era um instrumento maior, menos fácil de transportar e mais usado pelo povo para acompanhar as danças populares.

Em 1555, as Vihuelas de 7 ou 6 ordens de cordas eram tocadas de forma ponteada, e não rasgueada, ao invés das Guitarras de 4 ou 5 ordens de cordas que eram tocadas de ambas as formas.

Nesta altura existiam, já registos de instrumentos, semelhantes à Vihuela, que tinham uma forma de tocar rasgueada, sendo usados em festas do povo.

Já nos finais do século XVI surgem os primeiros registos da Viola Portuguesa de 5 ordens de cordas, o registo mais antigo deste tipo de instrumento é de 1581, construída por Belchior Dias, que se encontra no Royal College of London.

Em 1626, Guiovanni Paolo Foscarini, faz um levantamento dos diferentes tipos de violas em Portugal: Normal, Picola e Mesona. Assim, durante o século XVII, o tamanho das violas não estava estandardizado, e provavelmente as afinações também poderiam ser diferentes consoante os tocadores e as regiões.

Em 1770, surgem alterações na construção destes instrumentos, começando-se a acentuar o enfraque, ou seja a parte vincada da ilharga, como são exemplos as Violas Campaniça e Beiroa. Estas alterações de construção foram também a nível ornamental tornando-se mais simples. Durante o século XIX voltam a usar-se motivos ornamentais mais complexos.

Pensa-se que, durante os Descobrimentos, os nobres almirantes e os marinheiros mantinham algum contato a nível musical. Assim, quando chegavam a terra, os marinheiros tentavam passar para os construtores a imagem que tinham dos instrumentos dos nobres, dando desta forma origem aos nossos instrumentos populares. Sendo que estes são os mais parecidos com a Vihuela, instrumento nobre. Os portugueses foram os únicos a manter as ordens de cordas nos seus cordofones, ao contrário dos espanhóis que após o modelo de Guitarra Torres, deixaram praticamente de as usar passando a utilizar cordas simples.

A afinação das violas de 5 ordens de cordas singelas era mi, si, sol, ré, lá (do agudo para o grave) em Espanha, tendo sido fixada em 1773. Portugal continua a usar as ordens de duas cordas até 1920 até mesmo para acompanhar fado.

Em 1789, Paixão Ribeiro, na obra "Nova Arte da Viola", explica o que é uma Viola. Este livro foi editado no Brasil e é a raiz da Viola Caipira e também da Viola Toeira, tendo três cordas duplas e duas triplas, com a afinação mi, si, sol, ré, lá (do agudo para o grave). Por vezes o mi aparece como ré em alguns acompanhamentos.

Durante o regime de Salazar em Portugal, surge o conceito de Rancho Folclórico, na altura criado por António Ferro, Ministro da Propaganda, tendo como objetivo ilustrar uma realidade etnográfica. Os cordofones estavam presentes nas eiras durante as festas, durante a apanha da azeitona, as colheitas e desfolhadas de milho, e na maioria da vida agrícola e festiva do povo. António Ferro sintetiza o fenómeno social, estilizando-o, atribuindo-lhe o nome de Folclore, que é um estrangeirismo: Folk – Popular; Lore – Mitologia Popular. Este fenómeno foi mais acentuado no Norte e Centro do País, sendo que o Alentejo e o Algarve mantiveram-se mais fiéis à tradição.

A primeira afinação conhecida da Viola Beiroa é ré, si, sol, ré, lá, ré, que não permitia fazer melodias acompanhadas, sendo usada na Lousa desde o século XVII para acompanhar a Dança das Virgens e a Dança dos Homens. A sua forma de execução era semelhante à da Guitarra Portuguesa na mão direita, tal como o Manuel Moreira a tocava. Não sendo conhecidos construtores deste instrumento, pensa-se que os tocadores, compravam estes instrumentos nas Romarias da Senhora da Póvoa e da Senhora do Almortão.

A afinação atual da Viola Beiroa, definida por Alísio Saraiva, tem como base a da Guitarra Portuguesa de Lisboa. Ou seja, as primeiras quatro ordens da Viola Beiroa estão exatamente uma quinta abaixo da Guitarra Portuguesa de Lisboa, sendo que a quinta ordem é uma segunda maior acima e as requintas são a mesma nota que a sexta ordem da Guitarra, mas numa oitava diferente. Percebe-se aqui que os tocadores definem as afinações segundo os seus conhecimentos de outros instrumentos. A afinação atual da Viola Beiroa é mi, ré, lá, mi, si, ré e a da Guitarra Portuguesa si, lá, mi, si, lá, ré. Atualmente, devido à revitalização do instrumento pelo músico, Professor Doutor Miguel Carvalhinho, a sua forma de execução permite fazer melodias acompanhadas, e ser também um instrumento solista. A técnica usada é a da Guitarra Clássica, tanto para acompanhar como para fazer solos. O repertório são temas populares "arranjados" e também composições já realizadas para este instrumento especificamente. Existe atualmente uma oficina de construção especializada em Violas Beiroas, em Castelo Branco, que fez recolhas das violas mais antigas que chegaram até nós e recuperou as suas medidas iniciais".

Susana Vicente da Silva Dias,
Licenciada e mestre em Música /guitarra clássica



DELIMITAÇÃO DA ÁREA GEOGRÁFICA



Conforme refere a autora, Susana Dias, a Viola Beiroa era “usada na Lousa desde o século XVII para acompanhar a “Dança das Virgens” e a Dança dos Homens”. As Danças Tradicionais da Lousa, que foram objeto de inscrição no Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial (Anúncio 6/2015, D.R. , 2ª série, n.º4, 7 de janeiro) incluem ainda a “Dança das Tesouras”, para além daquelas duas danças.

No documento “Pedido de Inventariação Danças Tradicionais da Lousa no Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial”, em que é descrita e caracterizada pormenorizadamente cada uma das danças da Lousa, refere-se que para além do papel dos dançarinos em cada uma das danças, “destaca-se o papel dos tocadores que, no caso da dança dos Homens, coincide com os seis dançarinos uma vez que estes dançam e tocam em simultâneo. Dos seis dançarinos/tocadores, cinco tocam viola beiroa e um deles toca a genebres” (Julho de 2014, 4).

Conforme refere Isabel Leal da Costa “A viola beiroa, também conhecida por bandurra, é um instrumento popular português que aparece na zona raiana, no distrito de Castelo Branco. (...) Embora menos difundida que o típico adufe beirão é uma dos instrumentos que acompanha a dança dos homens” (2011, 83).

Ainda de acordo com o documento acima referido “Inventariação das Danças Tradicionais”, a Dança dos Homens, em que a viola beiroa era utilizada no acompanhamento, tem origem indeterminada, embora os habitantes da Lousa admitam que ela é posterior à Dança das Virgens. “A Dança das Virgens é tida como uma reprodução do baile das oito filhas de Timóteo e Micaela, em agradecimento à Virgem pelo fim da praga dos gafanhotos e o cumprimento anual de uma promessa feita nesse ano, dizem, de 1640” (p.17). Sublinha-se ainda no documento “que os homens terão ficado ofendidos por não terem sido informados sobre esse acontecimento, daí que tenham organizada a sua própria dança, excluindo dela as mulheres e indo buscar para o seu papel jovens rapazes vestidos de meninas: as madamas” (p.9).

Daqui se pode inferir que a viola beiroa era utilizada no concelho de Castelo Branco, em particular na freguesia da Lousa, por volta dos finais da primeira metade do séc. XVII.

Também António Roxo , citado pela autora, se refere, por duas vezes, àquele instrumento a propósito da descrição que faz sobre a procissão de Corpus Christi, realizada na vila de

Castelo Branco, em 1680. Refira-se que, segundo Roxo, esta era a festa mais “espantosa de todas as povoações de alguma importância” em que os representantes (juizes) dos officios participavam com as suas danças e tudo o que fosse necessário para a procissão do Corpo de Deus.

Assim, como descreve o autor, o “juiz dos sapateiros dará S. Chrispim em sua charola e duas tochas e huma dança adiante e três moças com violas e castanhetas” e o “juiz dos cadeireiros dará hum guião com discante de tres violas de bons tangedores” (1890, 197).

Na descrição e caracterização que Lopes Marcelo faz dos instrumentos mais representativos da Beira Baixa, faz referência à viola beiroa ou bandurra...“trata-se de uma viola popular portuguesa de cinco ordens de cordas de arame” e que era utilizada para acompanhamento de “descantes festivos, aos domingos, nas tabernas e, sobretudo, nos parabéns e serenatas aos noivos, nas vésperas e na noite da boda. Atualmente, quase desapareceu e apenas pode ser encontrada em ocasiões cerimoniais, destacando-se a sua aplicação na dança dos homens, nas festas de Maio, em honra da Senhora dos Altos Céus, na Lousa, bem perto de Castelo Branco” (1993,).

De acordo com os documentos consultados e citados, podemos afirmar que a viola beiroa era utilizada no acompanhamento das danças e cantares tradicionais, no concelho de Castelo Branco, por volta dos finais da primeira metade do século XVII.



PERFIL DE CONSTRUTOR DA VIOLA BEIROA (VIOLEIRO)



O/A Violeiro/a da construção da viola beiroa é o/a profissional que, no domínio das técnicas e procedimentos adequados e no respeito pelas normas de ambiente, higiene e segurança, constrói manualmente os instrumentos de corda de arame (instrumentos tradicionais portugueses), em particular a viola beiroa. As matérias-primas utilizadas por estes profissionais são as indicadas no ponto respetivo, designadamente: ébano para a escala; mogno para o braço; abeto para barras harmónicas e tampo; nogueira portuguesa e pau-santo da Índia para ilhargas e fundos; goma laca para envernizamento. O trabalho é desenvolvido segundo padrões e técnicas tradicionais determinadas e no respeito pelas normas e especificações técnicas da construção da viola.

O/A Violeiro/a faz a gestão da sua atividade no domicílio, de forma individual, ou integrado/a numa cooperativa ou rede de artesãos, com produção orientada. Pode ainda desenvolver a sua atividade em feiras, exposições e/ou outros locais.

MATERIAIS E MEDIDAS PADRÃO UTILIZADOS NA CONSTRUÇÃO DA VIOLA



“**A** Bandurra Beiroa é um instrumento da região de Castelo Branco, o seu braço é muito semelhante ao das violas ocidentais, mas com um traço peculiar que as distingue de todas as demais violas portuguesas, além do cravelhal normal, existe um outro situado no fundo do braço para duas cravelhas também dorsais, a que correspondem duas cordas, igualmente de arame, agudas e curtas – as requintas-, que não são trilhadas e que se tocam sempre soltas...a viola tem um enfraque extremamente apertado. A sua boca é sempre redonda e pequena, cerca de 6 cm de diâmetro, rodeada de frisos circulares lineares. De todas as violas portuguesas é esta ao mesmo tempo a mais rústica e a que apresenta maior profusão de motivos ornamentais, com entalhes preenchidos com massa negra, de tipo fitomórfico, recobrando praticamente toda a metade inferior do tampo. O cravelhal mostra dez cravelhas dorsais, que correspondem a outras tantas cordas.”

Materiais:

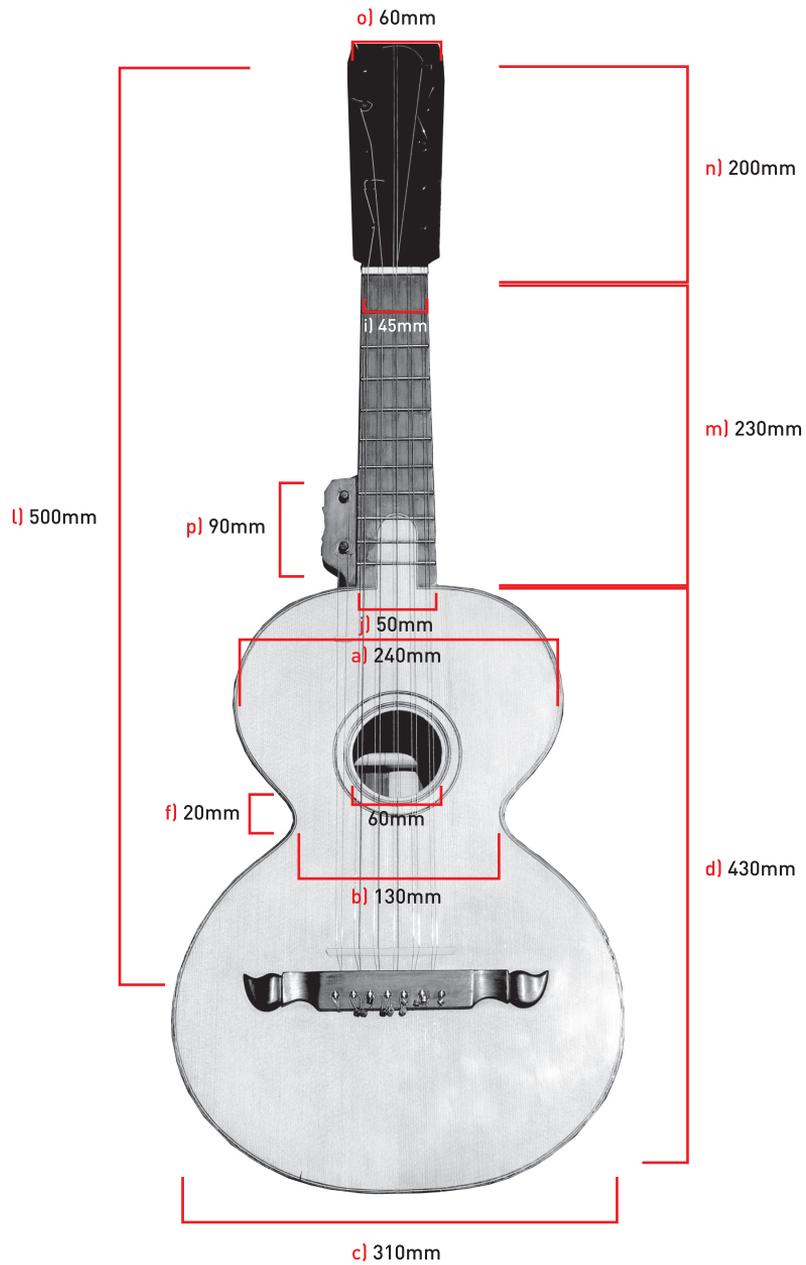
- Ilhargas e fundos: Nogueira Portuguesa ou da Austrália e Pau-santo da Índia.
- Braço: Mogno, cerejeira ou amieiro
- Tampo Harmónico: Pinho ou Abeto
- Cola
- Osso (canela de vaca)
- Cordas de arame



Da esquerda para a direita: Ébano para a escala, Mogno para o braço, Abeto para barra harmónicas e tampo, Nogueira portuguesa e Pau-santo da Índia para ilhargas e fundos.



Goma Laca em Flocos e processada para o envernizamento.





- a) Bojo Superior
- b) Enfraque
- c) Bojo Inferior
- d) Comprimento do tampo
- e) Diâmetro da boca
- f) Diâmetro da circunferência da curvatura mais acentuada da ilharga, no enfraque
- g) Altura da ilharga no bojo superior
- h) Altura da ilharga no bojo inferior
- i) Largura da escala na pestana
- j) Largura da escala no 12^o ponto
- l) Comprimento de corda
- m) Comprimento do braço
- n) Comprimento da cabeça
- o) Largura do topo da cabeça
- p) Cravelhal das Requintas

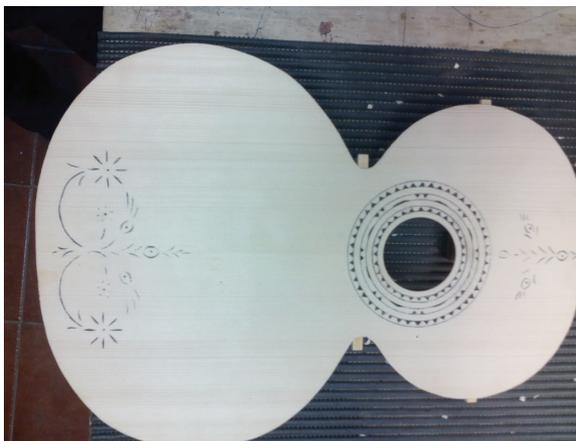
DESCRIÇÃO DAS ETAPAS DA CONSTRUÇÃO DA VIOLA BEIROA



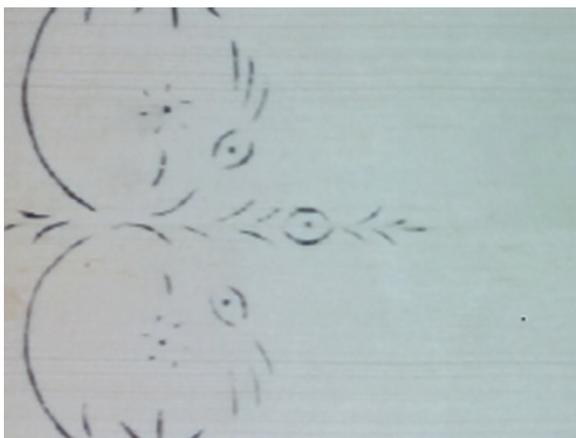
A construção de uma Viola Beiroa demora aproximadamente três meses. Seguidamente, com o auxílio de fotografias, apresentam-se as etapas de construção. A opção por um trabalho de construção essencialmente manual é determinante para a qualidade e personalização de cada instrumento. Embora a utilização de algumas máquinas permita que o tempo de construção e o esforço do construtor/violeiro diminuam, no essencial, as etapas de construção são lentas e cuidadosas para que se possa sentir e analisar a forma como o material vai respondendo.

A matéria-prima mais importante é a madeira. As madeiras são selecionadas criteriosamente: A forma como as peças foram cortadas da árvore, o nível de secagem, a disposição dos veios e a textura da madeira são elementos a ter em conta. A cola utilizada depende da opção de colagem a frio ou a quente: Na colagem a frio utiliza-se cola branca e na colagem a quente utiliza-se grude. A colagem a quente é um processo mais lento e mais exigente. Para envernizar a Viola Beiroa e desta forma embelezá-la e dar-lhe proteção, utiliza-se a Goma Laca aplicada com uma "Boneca de Pano" - um processo ancestral. Os pentes são feitos do osso da canela de vaca, e os afinadores são selecionados a partir de uma oferta vasta que existe no mercado.

As ferramentas utilizadas são serrotes e serras de recorte, plainas, formões, lixas, grampos, compassos de corte, boneca de pano para envernizamento e três máquinas: Berbequim, ferro de dobrar ilhargas e lixadora elétrica.



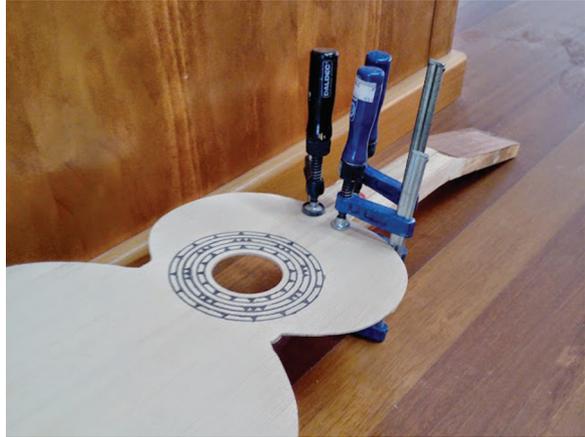
1 - Recorte do tampo



2 - Decoração da boca com técnica tradicional de massa, elementos fitomorficos do tampo



3 - Preparação do braço, recorte do cravelhal das requintas



4 - União do braço ao tampo



5 - Dobragem de ilhargas



7 - Preparação dos fundos



8 - Colagem dos fundos



9 - Colagem das sanefas



10 - Colocação das cravelhas ou afinadores no braço



11 - Envernizamento e montagem das cordas

Castelo Branco, 1ª versão
janeiro 2016

